

O ATLÂNTICO É NEGRO: A EXPANSÃO DO MERCADO COLONIAL DIRECIONADO PARA O NORDESTE BAIANO

Erica Paula Vasconcelos¹

INTRODUÇÃO

Os homens brancos voltaram outra vez ainda. Trouxeram-nos negros, cana-de-açúcar, facas, enxadas, amendoim e tabaco. Desde então e até os nossos dias, os brancos nada nos trouxeram senão guerras e misé-rias... (Charles Boxer, “O império marítimo português”, 1969, p. 110, grifo nosso)

No título deste *paper*, trago a ideia do oceano Atlântico ser negro, não me referindo a cor da água ou que o oceano tenha ou que ele tenha uma epiderme com pigmentação escura, mas, pelo contexto histórico que ele fez parte. Nesse contexto, humanos eram mercadorias de outros humanos, além do fluxo de importação e exportação de alimentos e pedras preciosas, que tinha como principal rota os caminhos pelo Atlântico. Por isso, trazemos o trecho que está destacado no início desta introdução, pois, o autor faz uma crítica à colonização destacando que os ‘brancos trouxeram’, remetendo tanto as viagens mercantes pelo Atlântico. Já as ‘guerras’, remetendo aos conflitos que ocorreram neste espaço e que tiveram inúmeras mortes de negros escravizados, além dos conflitos em terra que ocorriam para captura e ocupação de terras dos brancos contra os negros e as ‘misérias’, se referindo a todas as ações negativas praticadas pelos brancos neste período, como a escravidão, doenças, genocídios e exploração violenta da fauna e flora. (BOXER, 1969)

Conseqüentemente, o Atlântico representou uma rota marítima que possibilitou o desenvolvimento da economia colonial e se tornou também em um espaço geopolítico do sistema internacional. De um lado, o atlântico fornecia muita

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais na Universidade Federal da Integração Latino-America, bolsista PROBIU (PPGRI-UNILA). Graduada em Relações Internacionais e no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: vasconcelos.ericapaula@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1698626449272110>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1261-2912>

riqueza e fontes inesgotáveis de alimentos para a Europa, do outro, como na África e as Américas, o que chegava através do atlântico eram guerras, escravidão, genocídio do corpo, da cultura e ancestralidade e a violência extrema contra os recursos naturais. Esses acontecimentos envolvem a relação de dois elementos, que são: o primeiro é a relação do capitalismo racial com a escravidão.

Partindo desses pressupostos, o presente artigo objetiva denotar o papel do *Nordeste baiano* na economia do sistema internacional, tendo como pano de fundo as viagens mercantes no oceano Atlântico.

Partindo destes pressupostos, o presente *paper* tem por objetivo geral compreender e delinear o papel do Nordeste baiano na formação do sistema internacional face ao antigo contexto econômico colonial concentrado na cidade de Salvador. Tendo por objetivos específicos: (I) Problematizar a estrutura histórica da política internacional a partir do contexto racializados e a estrutura do capitalismo racial; (II) Discutir sobre a estrutura organizada pelos países europeus para o desenvolvimento do mercado colonial, destacando o comércio do açúcar nesse processo; (III) Analisar o protagonismo da cidade de Salvador na economia internacional para a formação do Brasil.

Para o desenvolvimento, na perspectiva aqui trabalhada, será utilizado a **metodologia** da *escrevivência*, que é um método criado pela autora Conceição Evaristo. A *escrevivência* é uma ferramenta que podemos utilizar para retomar as memórias que constituem nossas vivências corporificadas através das nossas lembranças pessoais e coletivas. Pois, ela se torna em um exercício de retomada, que contribui para a formulação do entendimento trazida pelos diferentes contextos em que estamos inseridos. Para a partir deste, conceber a materialidade da linguagem como tecido da memória é considerá-la instável, móvel, re-organizável (EVARISTO, 2018). Para que este possa remodelar-se a cada acontecimento, que perfura e desloca esse tecido em novos espaços, para produzir efeitos de sentido que percorrem e permeiam diferentes formações, discursivas para interpelar novas posições do sujeito.

Dessa forma, a coleta de dados será nos museus: Afro-Brasil em São Paulo e a Casa do Benin em Salvador-BA. No primeiro museu, os materiais que serão analisados são as esculturas, pinturas e publicações dos jornais que trazem informações visuais sobre a administração da mão de obra e dos escravizados na sociedade, os principais instrumentos utilizados no campo, além do comércio destes para outros países. No segundo museu serão analisadas as fotografias, peças etnológicas do inventário históricos que informam sobre a escravidão em Salvador através da chegada dos africanos e a relação econômica que se deu a

partir desse contato, salientando operacionalização das indústrias artesanais da cana-de-açúcar e a expansão da escravidão ao nível nacional.

A escolha destes museus em geografias diferentes se dá por estarem em países que exerceram uma grande centralidade no comércio escravista e que utilizou aparatos tecnológicos e políticos para expansão da colonização. O que justifica também as normativas para a criação desses museus com um grande arcabouço histórico sobre este tema, o que possibilita a coleta de dados de materiais inéditos com maior gama de detalhes registrado através ao exercício de escrever e viver para a criação de novos discursos e de uma nova linguagem, compartilhadas vivências dos corpos negros, que exprimem conceitos, política, cultura e diversas performances. (EVARISTO, 2018)

DEBATE TEÓRICO

A relação entre escravidão e capitalismo racial no comércio escravista no Oceano Atlântico

Antes de dialogarmos sobre comércio internacional transatlântico, partiremos sobre a importância que a diferenciação racial tinha enquanto elemento principal de hierarquia e disputas entre a comunidade internacional. Na obra *“Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”* (2004), Kabelele Munanga, afirma que a ideia de raça no sentido de superioridade começou a ser utilizada nos séculos XVI-XVII, onde efetivamente foi elemento de hierarquização atuante nas relações entre classes sociais na França. (MUNANGA, 2004)

Sendo utilizada como mecanismo de autoafirmação dos povos Francos, tidos como nobreza e de origem germânica, se consideravam uma raça distinta e dotados de sangue “puro” e eram da nobreza no país (MUNANGA, 2004). Essa hierarquização entre povos foi tomando uma grande magnitude a ponto de se tornar um elemento político que desencadeou o racismo, defendido pela religião e pela ciências biológicas operacionalizados na escravidão, tanto na própria Europa, quanto na África e na América Latina. (MUNANGA, 2004)

Dessa ideia de raça superior e inferior se fundou uma incompreensibilidade entre o Europeu e Outro, não europeu, tornou a escravidão enquanto instituição que reforçava a hierarquia racial, entre o binarismo de cristãos e não cristãos, dos civilizados e não civilizados (BARDER, 2021). Como também a “ascensão do sistema mundial baseada na formação do” capitalismo racial”, que emergiu de um continente europeu já racialmente estriado” (BARDER, 2021, p. 117, tradução nossa). Ou seja, os próprios “outros” internos da Europa” já estavam sujeitos a

formas de expropriação racializada, colonialismo interno e servidão contratada que é a escravidão, para o fornecimento da expansão europeia, apropriação de terras e escravização de povos ao longo dos séculos, sendo este sistema fator fundamental para a ordem global. (BARDER, 2021)

Como exemplo de representação do capitalismo racial foram os chamados zoológico humano, com a fachada '*Senhoras e Senhores, aproximem-se! Bem-vindos ao maior espetáculo da Terra!*'. Estes eram organizados pelos colonos após invadir territórios para exploração, capturavam os povos nativos (pessoas oriundas de povos africanos, asiáticos e indígenas), e exibiam-nos como conquistas, justificando tal ato como uma missão de levar civilização aos que não tinham (KOUTSOUKOS, 2020). Estas práticas de exposições desencadearam tanto o desenvolvimento do imperialismo, quanto a dominação do fluxo de capital entre os europeus que administravam e empregavam pessoas pela Europa para movimentar estes circos (KOUTSOUKOS, 2020). Além da circulação grande de capital das propagandas e da invenção da fotografia com a crescente viabilidade financeira, além da impressão em papel (na década de 1850), e das publicações de cartões de visita, cartazes e souvenirs para os visitantes. (KOUTSOUKOS, 2020)

Nesse sentido, escravidão que além de ter sido um “sistema econômico fundado no comércio internacional com investimento de capital em escravos como mercadorias para superexploração do trabalho com lucros globais que estimularam a revolução industrial” (ANIEVAS, MANCHANDA & SHILLIAM, 2015, p. 75, tradução nossa). Foi fundamental para o funcionamento do capitalismo racial, este surge através das forças do racismo e do nacionalismo dentro da estrutura de organização de produção e troca, como foi o caso da sociedade feudal (ROBINSON, 2018). Ou seja, as viagens mercantes e a colonização foram práticas para extensão do comércio ao sul e ao oeste da península europeia e a expansão das estruturas burocráticas do Estado, por isso elas se tornaram principal meio de transmissão da expansão do capitalismo (ROBINSON, 2018). Sendo o oceano atlântico se tornou um espaço geopolítico econômico no sistema internacional, que facilitava tanto as viagens para os países colonizados, quanto o retorno destes para a Europa com os produtos exatos para produção de capital. (GILROY, 2001, p. 22)

Inicialmente, este sistema funcionava como comércio marítimo em formato triangular, operacionalizado da seguinte forma: “a Inglaterra com os produtos de exportação, a África com a mercadoria humana e a França forneciam os navios e manufaturados” (WILLIAMS, 2012). Este sistema formava um triângulo, no oceano atlântico, em que os produtos saíam da metrópole (centro urbanos) com uma carga de artigos das fazendas e matérias-primas coloniais, nos navios negreiros

na costa da África (WILLIAMS, 2012). Esse empreendimento colonial tomou maior volume e rendeu muita riqueza com a descoberta das Américas, tendo amplitude entre regiões, raças e linhagens étnicas. Com a descoberta e a ocupação de um novo continente pelos europeus na virada do século XV para o XVI, movendo uma organização volumosa, sistemática e prolongada como o tráfico negreiro para o Novo Mundo (América Latina) (GOMES, 2019).

O comércio marítimo triangular no atlântico, desencadeou três elementos centrais no sistema internacional, que foram: (I) o conflito entre o Reino Unido e as duas repúblicas bôers (bôer eram os fazendeiros que ocupavam o Estado Livre de Orange e a República Sul-Africana), disputando principalmente pelos britânicos, que objetivavam expandir a colonização para da região sul do continente africano, para continuar a venda, exploração e exportação da mão de obra negra nas atividades mercantil e a exploração do ouro na região de Pretória. (BOSEN-BROEK, 2012; GOMES, 2019).

(II) a criação da '*RAC britânica*' em 1660 que dominava a costa da África com serviços militarizados, passando a comandar também as ilhas de Cabo Verde e o litoral de Gana, que até então, depois, cruzou o Atlântico entrando em conflito com os holandeses, vencendo tornou a Ilha de Nova Amsterdã, com o mercado do turismo norte-americano com faturamento de fornecimento de cativos para as colônias inglesas no Caribe e na América do Norte. Além da alta comercialização com navios abastecidos de mercadorias comercializadas no mercado triangular tendo por principal produto os escravos e o açúcar (BOSEN-BROEK, 2012; GOMES, 2019). (III) e última, a organização Rec britânica enquanto uma empresa formada pelos maiores traficantes de escravos, sendo regida por um parlamento inglês que privatizou e dominou o sistema comercial escravista, registrando os traficantes enquanto empresa privada e cobrando a liberação da comercialização uma taxa de 10% dos seus resultados para a RAC. (GOMES, 2019)

Conseqüentemente, a movimentação do capital era composta pelos juros que mais tarde desencadeou a criação das companhias estatais para fornecer escravos e estimular a produção de açúcar, algodão e outros cultivos no Nordeste brasileiro (GOMES, 2019). Sendo estas: A Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e a Companhia Geral de Comércio de Pernambuco e Paraíba, o que tornou o tráfico negreiro um investimento inteiramente privado. Ambas companhias se desenvolverem por outras regiões do nordeste com a continuação da escravidão negra nos canaviais de açúcar, como maior concentração em *Salvador-Ba*, que será apontada na próxima sessão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nordeste, base para o desenvolvimento e expansão da colonização

A captura dos negros na África até o desembarque dos navios negreiros no Nordeste, a priori, se deu na cidade de Pernambuco (estado de Alagoas), onde foram criadas as primeiras indústrias artesanais para a produção do açúcar que depois era exportado para a Europa (GOMES, 2019). Tratando especificamente sobre Salvador, o tráfico negreiro e do açúcar, que ao chegar nas encostas marítimas da cidade desembarcou não só o escravizados e os produtos para comercialização, como também uma estrutura regida pela humilhação, exploração e subalternização contra os indígenas (GOMES, 2019). Partindo do pressuposto, marcamos a revoltas, ocorridas em Salvador, dentro da conjuntura do comércio escravista para o sistema internacional.

Esta foi bem descrita no livro *“Em Costas Negras”*, de Manolo Florentino (1997), o autor explica que o surgimento da cidade, que é atualmente chamada de Salvador, “era uma pequena região, considerada um complexo açucareiro que vivia do comércio do açúcar e das atividades dos próprios Goytacazes, como o abastecimento, pecuária, e do desembarque da população de negros escravizados” (FLORENTINO, 1997, p. 105). Na obra *“Planícies Goytacazes, séculos XVIII a XIX: da escravidão africana atlântica ao campesinato no imediato pós-abolição”*, do autor Flávio Gomes, salienta que nesta grande planície açucareira (região de Salvador), era uma franca expansão, dos *mocambos e quilombos*² da planície Goytacazes, que possuíam concentração principalmente nas áreas de terras devolutas e fronteiras abertas (GOMES, 2019). Como também nos “sertões”, estavam nas margens de fazendas, currais e engenhos. Suas maiores concentrações eram nas regiões coloniais do Rio de Janeiro, no Campos de Goytacazes, Cabo Frio, Saquarema e o recôncavo da Guanabara. (GOMES, 2019, p. 30-32)

Nestas planícies açucareiras também existiam as comunidades de negros, considerados fugitivos, que se refugiavam nos quilombos. Estas comunidades eram consideradas um grande risco para o comércio do açúcar, que apesar de ser de grande valia para a estrutura colonial internacional só acontecia se houvesse inúmeros escravos. Tanto para produção e venda desse açúcar quanto para outros

2 Tanto os Quilombos como os Mocambos eram organizações compostas pelos povos mocambeiros e quilombola, que funcionavam como uma extensa rede socioeconômica, articulada e administrada por fazendeiros, grupos indígenas, roceiros, garimpeiros e outros envolvido com setores rurais. Houve uma concentração maior no Nordeste açucareiro da Bahia e de Pernambuco, ambas sendo uma das mais importantes regiões agroexportadoras, com plantações de arroz e algodão. (GOMES, 2015)

serviços como serviços domésticos, mineração de ouro e diamantes, etc (GOMES, 2015). Neste caso, Salvador foi uma das maiores cidades de desembarque de navios negreiros, contabilizando oitenta e cinco por cento de todas as viagens de navios negreiros dos portugueses que invadiu o Brasil e se aglomerou em Salvador, representando 5,8 milhões de cativos desembarcados originários de Benim, Nigéria e Angola para serem escravizados nos canaviais de açúcar e depois serem transportados para outros lugares. (GOMES, 2015; GOMES, 2019)

Dessa forma, aconteceram as revoltas dos escravizados contra os colonos em Salvador por vários fatores, entre estes a expansão da economia a partir do final do século XVIII, com o aumento do número de engenhos para a produção de açúcar que necessitava de uma grande demanda de exportação e importação de escravos da África (REIS, 1992). Desenvolvendo assim outros tipos de tráficos, como o do fumo, em Cachoeira, que era tão valioso que na África era moeda de troca por negros escravizados. Além do crescimento da agricultura de exportação que demandava a intensificação do trabalho escravo para produção de alimentos, onde o escravo trabalhava mais e comia menos. (REIS, 1992)

Entre estas revoltas a que teve mais destaque foi a “Revolta dos Malês”, sendo um movimento regidos por escravos haussás e pelos nagôs, que eram africanos falantes do iorubá, entre os quais se incluíam os malês, ou seja, nagôs islamizados, ambos capturados no litoral do golfo do Benim” (REIS, 2014, p. 69). Essa revolta foi promovida por estes cativos, em especial haussás e nagôs, que se concentravam em grandes colônias étnicas na região, chamadas de “nações”, ou, *nación, nation, natie* etc. (REIS, 2021). Segundo o autor, estas colônias tinham vínculo com as no Caribe, e foram enconrajadas a se revoltarem tendo como exemplo a Revolução Haitiana (1791-1804), em que os escravizados pretendiam tomar o poder de destruir a escravidão e também a agricultura açucareira. (REIS, 1992; REIS, 2021)

Porém, com a como resultado da Revolução Haitiana, houve a remoção do mercado mundial o maior fornecedor do açúcar brasileiro, sendo a França. Consequentemente, o “número de engenhos baianos cresceu de 221, em 1790, para 260, e 315, em 1818, ou seja, a exportação do açúcar baiano subiu de 500 mil arrobas em 1789 para mais de 1 milhão em meados da década de 1790, e aí estacionou”. (REIS, 2014, p. 76). Dessa forma, a economia escravista que se alimentava através das produções nos engenhos aumentou o consumo de mão de obra, intensificou o tráfico transatlântico, além do aumento dos conflitos na Costa da Mina pela corrida do ouro. (REIS, 2014)

Nesse processo todo, o Nordeste baiano, continuou recebendo escravos africanos no litoral e os que eram exportados da Costa da Mina, em condições

desumanas, sob torturas, maus tratos, excesso de fome, de exploração, aumento de doenças por condições insalubres e diversas outras coisas que seria impossível relatar em apenas um parágrafo (REIS, 2021). Ou seja, a Revolta dos Malês, não aconteceu porque um grupo de ‘trabalhadores canavieiros’ buscavam direitos trabalhistas, ou, porque eram escravos fugidos e rebeldes, a revolta aconteceu pela necessidade de humanização e paz para aqueles que eram considerados mercadorias humanas. (REIS, 2014)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, podemos considerar que a relação entre escravidão e o capitalismo racial desencadearam as viagens mercantes, a colonização, extensão do comércio ao sul e ao oeste da península europeia e a expansão das estruturas burocráticas do Estado, a expansão do capitalismo racial. Sendo que esta estrutura utilizou como rota o oceano atlântico, que se tornou em um espaço geopolítico econômico no sistema internacional, que facilitava tanto as viagens para os países colonizados, quanto o retorno destes para a Europa com os produtos exatos para produção de capital. Foi através deste espaço que os países europeus conseguiram expandir seu imperialismo como também tornou a escravidão de pessoas e a comercialização de produtos em um empreendimento colonial. Por isso, o oceano atlântico também se tornou espaço de guerras e conflitos entre estes países, por um lado os estados europeus procuravam se aliar para liderar o comércio escravista, por outro, mantinha-se em guerras para dominar outras colônias, por isso aconteceu a Guerra dos Bôers, por exemplo.

Conseqüentemente, o Nordeste baiano, foi um grande complexo de produção e exportação açucareira, com utilização da mão de obra dos negros capturados em África e dos indígenas, o que desencadeou revoltas, tanto por parte dos indígenas quanto dos negros. Uma foi organizada nos mocambos dos Goitacás, sendo a Revolta dos Goytacazes, que utilizou como resistência estratégica e sobrevivência, a antropofagia contra os colonos, acampamentos, feitores, desta forma conseguiram eliminar muitas colônias portuguesas da região. Apesar desta revolta serem ações contra aquelas impostas contra a colonização e seu modus operandi com utilização da violência extrema, não conseguiram uma amplitude de visibilidade ou ações políticas imediatas, mas, causaram algumas instabilidades nos dois maiores sistemas comerciais do mundo, a escravidão negra e a produção açucareira.

AGRADECIMENTOS

*A mainha Elizabete Vasconcelos
Meu noivo Jeanderson Ferreira*

REFERÊNCIAS

ANIEVAS, Alexander, MANCHANDA, Nivi, SHILLIAM, Robbie. *‘Confrontando a linha global de cores: uma introdução’*. In. ANIEVAS, Alexander, MANCHANDA, Nivi, SHILLIAM, Robbie. (Org.). **Race and racism in international relations: confronting the global colour line**. Routledge. Nova York: Third Avenue, 2015.

BARDER, Alexander D. **Global Race War: international politics and racial hierarchy**. New York, NY: Oxford University Press, 2021.

BOSSENBROEK, Martin. **De Boeren Oorlog**. Amsterdam: Athenaeum Polak & Van Genneep. 2012

BOXER, C.R. **O império colonial português (1415-1825)**. In. Inês Duarte (tradutora). São Paulo: Martins fontes, 1969.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2018.

FLORENTINO, Manolo, GÓES, José R. **A Paz das Senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras**. Uma história do tráfico de escravos entre África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Flávio S. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2015.

GOMES, Laurentino. **Escravidão:** Do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares. Volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

KOUTSOUKOS, Sandra S. M. **Zoológicos humanos:** gente em exibição na era do imperialismo. São Paulo: Editora Unicamp, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004.

REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. *'Introdução: Um guia para a revolta escrava.'* In. REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. (Org). **Revoltas escravas no Brasil.** São Paulo : Companhia das Letras. 2021.

REIS, João José. *'A revolta haussá de 1809 na Bahia'*. In. REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. (Org). **Revoltas escravas no Brasil.** São Paulo : Companhia das Letras. 2021.

REIS, João José. **Há duzentos anos: a revolta escrava de 1814 na Bahia.** Rio de Janeiro: Topoi, v. 15, n. 28, p. 68-115. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/CCkcVFtgRYrPLfKYsmyrGDQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 4 jul. 2023.

REIS, João José. **Recôncavo rebelde:** revoltas escravas nos engenhos baianos. Salvador: Afro-Ásia, n. 15, 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20837> .Acesso em: 4 jul. 2023.

ROBINSON, Cedric. J. **Capitalismo racial:** el carácter no objetivo del desarrollo capitalista. Tabula Rasa, (28), 23-56, 2018.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão:** tradução Denise Bottmann: 1. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.